

Trajetórias Individuais em Pauta: um olhar teórico sobre a biografia e suas transformações

Karla Karine de Jesus Silva¹

Resumo: este artigo analisa a biografia, enquanto narrativa da história de vida de uma pessoa ou grupo, conforme o tipo biográfico, e o que pode ser apreendido dela em termos de conhecimento sócio-histórico. Debruça-se sobre o gênero, as relações entre a biografia e a História, as divergências quanto ao caráter deste tipo de narrativa, as suas possibilidades, os seus desafios e os seus problemas, explorando algumas teorias e concepções em torno da escrita biográfica e até que ponto esta oferece subsídio a produção do conhecimento histórico.

Palavras-chave: Biografia, narrativa, história, memória.

A theoretical view on the biography and its transformations

Abstract: This article analyzes the biography as a narrative of the life history of a person or group, according to the biographical type, and what can be apprehended from it in terms of socio-historical knowledge. It looks at the genre, the relations between biography and history, the differences in the character of this type of narrative, its possibilities, its challenges and its problems, exploring some theories and conceptions around biographical writing and the extent to which it offers subsidy the production of historical knowledge.

Keywords: Biography, narrative, history, memory.

Artigo recebido em 05/02/2017 e aprovado em 02/03/2017.

O *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (2001), explica o termo biografia como: “1. Narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem. [...] 3. A história da vida de alguém”^{II}. Conforme a *Grande Enciclopédia Larousse Cultural* (1995), biografia é “História da vida de uma personagem, de um autor”, e autobiografia a “História da vida de uma pessoa escrita por ela mesma”^{III}. Segundo o *Dicionário Didático de Português* (1998), biografia significa “História que conta a vida de uma pessoa [...] quem escreve a biografia de sua própria vida faz uma autobiografia”^{IV}. De modo geral, não há dúvidas de que o termo biografia significa uma narrativa da história da vida de determinada pessoa.

A biografia também pode ser entendida como a memória em documento. De acordo com Henry Rousso, a memória é:

Uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar,

TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS EM PAUTA: UM OLHAR TEÓRICO SOBRE A BIOGRAFIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

KARLA KARINE DE JESUS SILVA

social, nacional [...] Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao “tempo que muda”, às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.^V

Para Rousso, a memória funciona como um arquivo mental em que fatos experimentados ou submetidos ao indivíduo durante sua vida ficam guardados em sua lembrança ou são esquecidos, conforme a mente e as necessidades emocionais agem sobre si. A memória é coletiva quando um grupo compartilha as mesmas lembranças ou esquecimentos sobre o passado ou presente, visto que ela se constitui após um acontecimento ou durante o ocorrido. É a memória que permite que o indivíduo ou grupo se identifique num contexto. A memória é sempre atual, já que o ato de lembrar ocorre no presente do indivíduo ou grupo, embora o fato que evoca a rememoração seja passado. Sob esta ótica, a biografia ou autobiografia poderiam ser consideradas registros de um ato de rememoração, uma produção da memória ou a memória em exercício. Trata-se de uma memória seletiva, em que os fatos a serem narrados passam por um delicado processo de escolha.

No texto *A tarefa do historiador*^{VI}, publicado no livro *Memórias e Narrativas Autobiográficas* (2009), Sabina Loriga discute a função da memória para a história a partir do diálogo com Paul Ricoeur e sua obra *La mémoire, l'histoire, l'oubli* (A memória, a história, o esquecimento, 2000). Para ela, alguns pontos positivos podem ser extraídos ao se fazer da memória, quer individual, quer coletiva, um meio para se compreender e escrever a história. Dentre esses, por exemplo, o fato de que a lembrança serve de alerta e lição quando se refere aos grandes crimes cometidos pela humanidade. Preservar e registrar a lembrança permite à consciência humana a ciência de que tais atrocidades não devem se repetir: *Shoah*, I e II Guerras Mundiais, genocídio armênio, torturas em Abu Ghraib, escravidão etc. A memória também pode ser um propulsor da verdade^{VII}. Quanto mais se investiga testemunhos ou documentos que registrem o passado, mais o pesquisador se aproxima da verdade ou mentira sobre o ocorrido.

Ao mesmo tempo o ato de recordar pode ser falho. No romance *O Vendedor de Passados* (2004), José Eduardo Agualusa conta a história de Félix Ventura, um angolano que ganha a vida fabricando memórias para pessoas ilustres (políticos, ricos empresários, generais etc) que necessitam de um passado importante. Dividem a cena Eulálio – uma osga – e um cliente estrangeiro – José Buchmann – que precisa de uma identidade angolana^{VIII}. Para além da história e das críticas à sociedade de Angola presentes na obra, o livro faz uma pertinente discussão sobre a memória e sua função. Eulálio é uma osga, mas originalmente foi uma pessoa que morreu e renasceu várias vezes e que, em sua forma atual, rememora constantemente suas vidas passadas ao ponto de às vezes ficar confuso quanto a sua existência. De forma romanceada, Agualusa reflete sobre os equívocos da memória e sobre como a referida pode ser construída e assumida pelo próprio indivíduo a quem pertence.

É neste sentido que Loriga aponta para o valor da dúvida, a necessidade da certificação do que é relatado ou registrado sobre o que, como ou por que ocorreu. Embora os falsos testemunhos apareçam, especialmente quando se tratam de delitos históricos, a autora ressalta que muitas vezes é preciso lutar contra a incredulidade^{IX}. Entretanto, mesmo sendo uma ferramenta eficazmente auxiliadora, a dúvida não deve

TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS EM PAUTA: UM OLHAR TEÓRICO SOBRE A BIOGRAFIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

KARLA KARINE DE JESUS SILVA

cegar o discernimento. É importante considerar que apesar de atemporal, a memória pode ser afetada pela passagem do tempo. Isso significa que em muitos casos, as mudanças que podem ocorrer num determinado relato de uma mesma testemunha podem dar-se conforme a maturidade age sobre ela, possivelmente levando-a a compreender o fato narrado sobre outro ponto de vista, para além do que foi relatado num primeiro confronto. Ao refletir sobre os relatos de memória, o historiador deve considerar os vários fatores emocionais que atuam sobre as recordações.

Entender o significado de biografia e de autobiografia, bem como sua relação com a memória, é indispensável para compreender as alterações que a narrativa individual experimentou. A biografia passou por significativas transformações na sua construção e em seu uso desde seu surgimento até o presente. Nasceu na antiguidade clássica ligada ao panegírico, no medievo serviu como modelo de virtude, concentrando-se principalmente na história de vida dos santos católicos, e na modernidade focou na exaltação do herói e posteriormente do grande homem. Essas mudanças iam ocorrendo conforme as necessidades dos biógrafos, dos biografados, da finalidade das produções ou ainda as tensões sociais das quais faziam parte.

Em *Vidas Paralelas*, Lucius Mestrius Plutarchus (Plutarco, c.46-120 a.C.),^X apesar de sua proximidade com o panegírico, apresenta algumas das primeiras diretrizes neste tipo de narrativa. Suetônio (Caio Suetônio Tranquilo, 69-141 d.C.), escritor romano da obra *A Vida dos Doze Césares*^{XI}, por outro lado, foi um exemplo do distanciamento entre biografia e o viés adotado por Plutarco. Diferente daquele que escreveu de forma elogiosa sobre seus personagens tidos como modelos de virtude, Phillippe Levillian explica que Suetônio estabeleceu características próprias da biografia, “distinção entre a vida privada e a vida pública; entre o respeitável e o menos respeitável; identificação pelo jogo de contrastes”^{XII}. Ele buscou desmistificar seus personagens abalizando suas informações mediante os testemunhos orais, os documentos e a observação. Com isso, Suetônio valeu-se de um método para construir suas descrições.

A forma como uma canção laudatória do século XIII foi produzida, evidencia que algumas biografias do medievo já engatinhavam quanto à preocupação com a investigação e a documentação disponível. Georges Duby (1988), ao analisar a cavalaria e a sociedade medieval através da vida do cavaleiro Guilherme Marechal, descreve alguns detalhes usados na elaboração do poema biográfico em sua homenagem e sua estrutura:

Cento e vinte e sete folhas de pergaminho – não falta uma sequer; em cada uma delas, duas colunas de trinta e oito linhas; ao todo, dezenove mil, novecentos e quatorze versos: Guilherme, o Moço, não poupou cuidados. Sete anos se passaram na coleta de informações, na elaboração e adequada edição da obra^{XIII}.

Duby explica que Guilherme, o Moço, filho do Marechal, encomendou este poema a João, um trovador, por ocasião da morte do pai. O objetivo era perpetuar sua memória como grande chefe de família, narrando sua trajetória de vida, enfatizando seu heroísmo e feitos como cavaleiro e a fé cristã^{XIV}. Benito Bisso Schmidt menciona que foi a partir dos séculos XVII e XVIII, em especial, que as produções biográficas preocuparam-se mais com os métodos de investigação e com a relação entre biógrafo e

TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS EM PAUTA: UM OLHAR TEÓRICO SOBRE A BIOGRAFIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

KARLA KARINE DE JESUS SILVA

biografado^{XV}. Vavy Pacheco Borges aponta o exemplo de James Boswell neste sentido, que revolucionou a Inglaterra em 1791 ao publicar *Vida de Samuel Johnson*, trabalho de quase vinte anos de pesquisa. Havia na atmosfera da época um ideal de contar a verdade a partir da documentação e entrevistas. Muitos intelectuais ingleses dos séculos XIX e XX escreveram biografias tomando Boswell como parâmetro. Lytton Strachey foi um destes ao registrar *Eminentes Vitorianos* (1918)^{XVI}.

Dentro das correntes historiográficas florescentes a partir do século XIX, segundo Schmidt, o positivismo histórico motivou a ênfase nas ações individuais dos grandes líderes políticos, militares e religiosos, conferindo destaque à figura do “grande homem”, conforme o uso de documentos oficiais como fonte. Já a historiografia marxista fugiu inicialmente do individualismo privilegiando mais os grandes movimentos estruturais, os atores coletivos e as classes. Para esta corrente histórica, as escolhas dos indivíduos são motivadas pelo que é transmitido do passado e seriam as circunstâncias que determinariam as escolhas. Neste contexto, a biografia foi pouco utilizada quando comparada à ênfase marxista ao coletivismo^{XVII}. Em geral, na historiografia do final dos oitocentos, as histórias de vida foram utilizadas como gênero acessório, modelos de civismo e patriotismo para as nações em construção, uma fonte de inspiração e reflexão.

Borges, em suas reflexões sobre a construção biográfica, aponta para três maneiras em que a biografia vinha sendo escrita através da história, conforme identificadas por Daniel Madelénat e Michel Trebitsch: *biografia clássica* – tradicional, qualitativa e quantitativa –; *biografia romântica* – comum aos séculos XVIII a início do XX –; e a *biografia moderna* – preocupada com o relativismo ético, a psicanálise e as transformações epistemológicas da História. Acrescenta que a análise de Trebitsch sobre estes modelos biográficos surgiu da comparação ao examinar como os biografados são tratados nas biografias, quais os procedimentos dos autores e como estes se posicionam em relação aos objetos^{XVIII}. A autora lembra ainda que conforme François Dosse a biografia caminha em três percursos: “*idade heroica*”, biografia que transmite modelos e valores; “*biografia modal*”, na qual o indivíduo serve como ilustração, exemplo de um coletivo (sua sociedade ou grupo); e “*idade hermenêutica*”, quando a biografia dialoga com outras disciplinas e abre possibilidades de estudo para a História^{XIX}.

A Escola dos Annales contestava a narrativa biográfica postulada no fato histórico colocado em ordem cronológica, exigindo que a mesma partisse de hipóteses verificáveis, de acordo com Levillain. A cronologia linear precisava ser substituída por uma cronologia com pano de fundo, contextual. O tempo deveria ser um laboratório para uma pesquisa comparativa. A combinação seria do tempo cronológico, mais a evolução com o tempo do progresso com a pesquisa efetuada pelo biógrafo. Uma mistura entre Plutarco (história moral) e Suetônio (testemunho). Dessa forma, os Annales revisaram criticamente a biografia em função de novos dados e métodos. A obra *Le méditerranée et Le monde méditerranée à l'époque de Philippe II*, de Fernand Braudel (O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Philippe II, 1949), exemplifica o modelo de biografia proposto pela historiografia dos Annales. Esta vai além do indivíduo, pois discorre sobre a história de uma civilização milenar, uma monarquia, e dialoga com o tempo e o espaço^{XX}.

Sendo o homem produto de uma sociedade cujas condições de vida explicam melhor as mentalidades, logo, uma biografia sobre o indivíduo seria capaz de produzir

TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS EM PAUTA: UM OLHAR TEÓRICO SOBRE A BIOGRAFIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

KARLA KARINE DE JESUS SILVA

alguma explicação sobre tal sociedade. Essa concepção é nítida no livro *A Estranha Derrota*, de Marc Bloch. Escrito em 1940, durante a ocupação alemã na França, o texto é um testemunho do autor sobre a rápida derrota que os franceses sofreram dos alemães durante a Segunda Guerra. Bloch combateu nas duas Grandes Guerras Mundiais e participou da resistência francesa à dominação alemã. Seus relatos são autobiográficos e reflexivos. Este historiador tanto descreve os acontecimentos que levaram à derrota e ocupação da França pelos nazistas, por ele vivenciados, como também realiza uma “análise de consciência” da sociedade francesa da década de 1940^{XXI}. Seu testemunho inclui desde as batalhas travadas com os nazistas, a organização de ambos os exércitos, a incompetente burocracia francesa, à submissão, quase que total, da população ao regime de Vichy (1940-1944). O autor afirma no início de sua obra que “antes mesmo de relatar o que vi, seria conveniente dizer com que olhos vi”^{XXII}. Nesta perspectiva, o texto de Bloch é uma narrativa individual que produz uma explicação sobre o coletivo, uma sociedade, a partir da forma como compreendia os acontecimentos em sua volta.

A partir dos anos 1980, a biografia – as narrativas individuais haviam ficado ofuscadas pelas análises coletivas mais visadas pela história antes disso – foi revalorizada historiograficamente, reafirmando-se nos anos 1990, de acordo com Schmidt, como “forma legítima de se escrever e de se compreender a História”^{XXIII}. Levillain lembra que na França, ainda nos anos 1970, as trajetórias de vida tiveram um considerável aumento. Já em 1966, das 756 teses de história contemporânea computadas, 46 eram biografias. Apesar das críticas que recebiam – “exaltação discutível de um indivíduo” – os alunos interessavam-se pelo valor dos documentos privados, o que os levava a um estudo ou produção neste sentido^{XXIV}.

Assim como na Europa, na primeira metade do século XIX no Brasil, a história conferiu a biografia um espaço ilustrativo. Embora Capistrano de Abreu (1853-1927) tenha escrito inúmeras notícias biográficas para a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Schmidt indica que para alguns historiadores brasileiros deste período, a biografia servia como uma espécie de “afresco”, concebida para ilustrar projetos historiográficos mais amplos, um documento que confirmasse a autenticidade de fontes ou exemplo de patriotismo a ser seguido. Entre o final da década de 1920 e a de 1950 a biografia brasileira passou a ser vista como um meio para se compreender o passado da nação. Nas décadas de 1960 e 1970, este gênero narrativo começa a ser pensado na historiografia brasileira como ‘forma de se escrever a história’:

mais do que erigir modelos idealizados de conduta, o historiador biógrafo deveria, segundo tal perspectiva [i. é. “o ato de conhecer o outro (...) um caminho de aprendizado do passado brasileiro”^{XXV}], buscar compreender os personagens por ele enfocados como vias de acesso a outras épocas, enfim, para se construir uma história mais viva e plural – questões, aliás, que retomam toda a força na atualidade^{XXVI}.

A biografia, portanto, parece ter passado por significativas mudanças até o tempo presente. Ora mais valorizada, ora pouco marginalizada, este tipo de narrativa se fez constante na história sendo registrada de forma variada e para diversos fins. As diferentes etapas e os diversificados momentos que atravessou, foram ocorrendo à medida que as sociedades iam se modificando, gerando uma oferta e uma demanda sobre a produção biográfica, diferentes do que se esperava de uma narrativa individual

TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS EM PAUTA: UM OLHAR TEÓRICO SOBRE A BIOGRAFIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

KARLA KARINE DE JESUS SILVA

clássica. No caso dos biógrafos, perguntar-se por que e para que escrever uma biografia ou autobiografia são questionamentos que vêm antecedendo as escolhas dos personagens. Para os historiadores que estudam as trajetórias de vida, buscar neste gênero explicações para um passado ou presente, tem favorecido as análises nesse campo.

Seriam estes os motivos pelos quais os historiadores voltaram a flertar atrevidamente com as narrativas de vida a partir dos anos 1980? O que explica o “ressurgimento” biográfico no final do século XX?

O retomado interesse francês nos anos 1980 pelo gênero biográfico, deixado de lado desde os anos 1950 devido a um maior interesse pelos fatos coletivos, pode ser explicado, segundo Vavy Borges, pelos movimentos da sociedade e um número crescente de disciplinas que estudam o homem em sociedade. As disciplinas acadêmicas tem voltado seu interesse pela experiência, pelos excluídos, pelas minorias sociológicas, não enfocando tão rigidamente conceitos totalizantes como “classe” e “mentalidades”^{XXVII}. O fato de que muitas biografias eram feitas em função da sedução do público, visto que seu objetivo era inclusive comercial, contribuiu em algum momento para que muitos historiadores se distanciassem dela. Apesar disso, para além da satisfação do mercado, Phillipe Levillain questiona se este “retorno” à biografia não foi um sinal de mutação historiográfica. A biografia seria agora vista também como testemunho significativo das relações entre a história e as outras ciências.

Esse recente interesse pelas histórias de vida, para Sabina Loriga, remonta ao campo da história que se debruça sobre o cotidiano, as subjetividades, como a história oral, a história das mulheres e os estudos sobre cultura. A atenção dada aos excluídos da memória reabriu o debate sobre o valor do método biográfico. Entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, a curiosidade pelas atividades políticas e econômicas dos camponeses ou dos empregados foi sendo direcionada também para sua subjetividade ou suas experiências. A crise na história científica, em especial nos conceitos de classe social e mentalidades, na interpretação marxista e no modelo estrutural, estimulou o aprofundamento da noção histórica de indivíduo. Os destinos individuais passaram a ser atentamente observados pelos historiadores sociais^{XXVIII}.

Schmidt lembra novamente que para alguns historiadores como François Hartog, a crise no presentismo (estudo do presente) foi um fator crucial para o retorno da biografia, devido às preocupações com as raízes, a identidade e a memória. Historiadores do contemporâneo passaram a ressuscitar ou recriar os personagens convertendo-os como referências para o presente, como reforço à determinada identidade, etnia, religião, região, nação, geração etc. Para Roger Chartier, os historiadores atuais voltaram-se para o indivíduo com objetivo de restaurar seu papel na construção dos laços sociais. Essa busca pelos laços sociais tem possibilitado que histórias individuais influenciem as produções historiográficas da história marxista, da micro-história e da chamada “terceira geração” da escola dos Annales.

Jaques Le Goff, Michel Vovelle e George Duby, são exemplos de historiadores da Escola dos Annales que dedicaram obras importantes a personagens individuais, mas mantiveram-se fiéis à história-problema, vendo no estudo dos “seus indivíduos” uma forma de compreender os contextos sociais dos quais fizeram parte. Entre os marxistas, Edward Thompson e Christopher Hill analisaram a ação individual como questionamento sobre o determinismo marxista estruturalista. Os personagens estudados por Thompson aparecem como auxílio para esclarecer ou inspirar as lutas no presente.

TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS EM PAUTA: UM OLHAR TEÓRICO SOBRE A BIOGRAFIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

KARLA KARINE DE JESUS SILVA

Sob a perspectiva da micro-história, o estudo do indivíduo possibilita dimensionar a liberdade individual em diferentes contextos, inclusive em sistemas opressivos. Carlo Ginzburg trabalhou esta dimensão ao analisar a cosmogonia de Menocchio controversa à da Igreja no século XVI^{XXIX}. Pode-se perceber então, que a biografia em diferentes tradições historiográficas tem sido valorizada como mais uma forma de se analisar temas e problemas, como o feudalismo, a evolução burguesa na Inglaterra e as relações entre normas sociais e ações individuais.

Sob a influência destas correntes da história, a biografia pós-anos 1980 no Brasil passou a ser encarada como forma de explicar problemas de pesquisa. A micro-história italiana e a “história vista de baixo” inglesa influenciaram construções de narrativas individuais de pessoas das classes populares ou grupos excluídos socialmente. Sobre isso, Schmidt cita como exemplo as pesquisas sobre militantes brasileiros ou estrangeiros, atuantes no país, ligados ao socialismo, ao sindicalismo e ao anarquismo do movimento empregado do final do século XIX e início do século XX. Também historiadores da escravidão e do pós-abolição vem se dedicando à investigação de indivíduos escravos e libertos, tornando conhecidas suas experiências. Ou ainda as biografias de mulheres que apresentam os obstáculos que o gênero continua enfrentando e as estratégias criativas utilizadas por estas para atuarem numa sociedade dominada por homens^{XXX}.

Apesar desse interesse pelos indivíduos excluídos, os “grandes personagens” não foram banidos da produção biográfica brasileira. Seu estudo, entretanto, passou a ter um foco mais diferenciado, analisando os agentes e processos que forjaram suas memórias, desconstruindo assim a ideia de predestinação. Alguns historiadores consagrados, conforme Schmidt, têm escrito biografias de “grandes personagens” para coleções dirigidas, com objetivo de despertar o gosto dos leitores em geral pela história e reutilizar o caráter pedagógico da escrita biográfica^{XXXI}. *D. Pedro I – Um herói sem nenhum caráter* (2006)^{XXXII}, da cientista política Isabel Lustosa, e *D. Pedro II – Ser ou não ser* (2007)^{XXXIII}, de José Murilo de Carvalho, são exemplos disso. Desse modo, historiadores têm aproveitado de forma criativa as discussões internacionais sobre biografia, adaptando os novos métodos à historiografia nacional. Interpretações da História do Brasil poderiam ser repensadas a partir de trajetórias individuais em contextos específicos. Tal renovação da biografia se deve também a valorização nostálgica de memórias e personagens do passado^{XXXIV}.

“A biografia histórica é, antes de tudo, história”^{XXXV}, declara Schmidt. E como tal, deve estar subordinada aos procedimentos de pesquisa e formas narrativas próprias desta disciplina. Isto significa que deve ter um problema como guia de investigação, formulado a partir de referências conceituais e fontes documentais. Os resultados do trabalho devem ser expostos em um texto que indique os métodos e materiais que subsidiaram a investigação. Também devem justificar-se pelas contribuições que podem trazer aos avanços do conhecimento da história, se as experiências do biografado favorecem ou não a compreensão ou explicação de determinados processos e acontecimentos. Para que a biografia histórica não caia numa mera representação, Schmidt ressalta a importância em compreender a relação entre indivíduo e sociedade. É imprescindível estabelecer o conceito de contexto e o conceito de indivíduo e como ambos se entrelaçam.

Magda Ricci exemplificou bem isso em sua obra *Assombrações de um padre regente – Diogo Antônio Feijó (1784-1843)*^{XXXVI}. Seu texto dialoga com outras

TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS EM PAUTA: UM OLHAR TEÓRICO SOBRE A BIOGRAFIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

KARLA KARINE DE JESUS SILVA

memórias escritas sobre o personagem, especialmente as publicadas na década de 1940 com o centenário de sua morte, além de uma vasta bibliografia e documentos escritos por Feijó. A pesquisadora faz um levantamento do contexto do personagem, mas também dos contextos dos seus biógrafos compreendendo as razões de suas épocas e particularidades. Sua pesquisa, como afirma, objetiva contribuir para a historicização do biografado, compreender processos históricos e suas implicações, e apresentar a biografia como um estilo narrativo. Além disso, a historiadora discute sobre os limites da liberdade, erguendo pontes entre o padre de Itu e o político da Corte. Como sugeriu Schmidt, o trabalho de Ricci é guiado por um problema de pesquisa, utiliza inúmeras e variadas fontes, métodos, contribui para os avanços no conhecimento histórico e os resultados são expostos num texto.

Levillain acrescenta que com o retorno da história política atrelada a uma história que contemplasse a coletividade, que analisasse as forças profundas da história, os fatos e também os comportamentos coletivos, as realidades econômicas e sociais, e as vontades individuais, a trajetória individual assume a função de meio caminho entre o particular e o coletivo. Ela serve para identificar uma figura num meio, examinar seus aspectos em relação aos outros indivíduos, seu reflexo ou não da sociedade da qual faz parte, fazendo um balanço entre o herdado e o adquirido. A história social, embora enfocada no coletivo, deu à biografia pós-década de 1970 uma nova dimensão, buscando fragmentos de expressão dos meios sociais no indivíduo^{XXXVII}

Para o supracitado historiador, o individualismo é tanto o reconhecimento da liberdade de escolha do homem, como o confronto entre sociedade e indivíduo quanto à fixação dos valores. Levillain acredita que os comportamentos e as estratégias individuais podem muito bem explicar os fenômenos coletivos, visto que é a reunião de ideias, objetivos e anseios semelhantes de indivíduos, que se transformam em ideias, objetivos e anseios dos grupos, e conseqüentemente modelam as sociedades. Isso pode ser visto nas multidões que exercem forte influencia nos acontecimentos nas sociedades modernas, mas que podem deixar-se levar pelo prestígio de condutores, como Hitler, Robespierre, Mussolini etc., “um desviante cujo sucesso tem a força de uma ideia fixa”^{XXXVIII} que contamina a multidão transformando um objetivo individual num objetivo coletivo.

A década de 1980 parece ter florescido quanto às novas concepções sobre a biografia. Os autores mencionados concordam que a busca por identidade, memória, necessidade de compreender a sociedade através das ações individuais, que para esses culminam nos atos coletivos, o estudo do homem em sociedade, as mudanças nas correntes historiográficas e suas formas de perceberem o papel do indivíduo foram fatores que chamaram a atenção para as narrativas de vida. O estudo do eu, ou a produção de uma história do eu, deve estar problematizada, como anteviu os *Annales*, possuir métodos e hipóteses, segundo Schmidt, além de considerar os problemas e desafios enfrentados por aqueles que fazem deste gênero alvo de investigação.

Portanto, com esse objetivo, estudiosos e historiadores, criaram teorias ou explicações que fossem capazes de explicar e justificar a produção biográfica e seus usos. Como um experimento, a biografia foi posicionada, caracterizada e enquadrada nos moldes da pesquisa. Os teóricos da biografia renderam-lhe especificações: formas, características, tipos, modelos, variedades. E as mudanças na compreensão e escrita da história lançaram luz sobre as possibilidades que os estudos deste gênero podem oferecer ao conhecimento histórico.

**TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS EM PAUTA:
UM OLHAR TEÓRICO SOBRE A BIOGRAFIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES**

KARLA KARINE DE JESUS SILVA

Notas

^I Mestra e Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe. Professora Tutora do Curso de Graduação e História EAD/UFS. Pesquisador do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/CNPq/UFS) desde 2008.

^{II} HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

^{III} **Grande Enciclopédia Larousse Cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

^{IV} BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dicionário Didático de Português**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

^V ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 167, 168.

^{VI} LORIGA, Sabina. O historiador entre a história e a memória. A tarefa do historiador. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (ORGS.). **Memórias e Narrativas Autobiográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.p. 11-37.

^{VII} Ibidem, p. 18, 19.

^{VIII} AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

^{IX} LORIGA, Sabina. O historiador entre a história e a memória. A tarefa do historiador. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (ORGS.). **Memórias e Narrativas Autobiográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.p. 11-37.

^X PLUTARCO. **Vidas Paralelas**: Alexandre e César. Tradução de Júlia Rosa Simões. Porto Alegre, RS: L&PM. 2005.

^{XI} SUETÔNIO. **A Vida dos Doze Césares**. Coleção a Obra Prima de Cada Autor – Série Ouro. 1ª Edição. São Paulo: Martin Claret, 2004.

^{XII} LEVILLIAN, Phillippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René (ORG.). **Por Uma História Política**. Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996. p. 146.

^{XIII} DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo**. Tradução Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2ª Ed. 1988.p. 45.

^{XIV} Ibidem.

^{XV} Cf. SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.p. 189.

^{XVI} Cf. BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 205.

^{XVII} Cf. SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.p. 190, 191.

^{XVIII} Cf. BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 206.

^{XIX} BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 207.

^{XX} LEVILLAIN, Philippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René. (ORG.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996.p. 159.

^{XXI} BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

^{XXII} Ibidem, p. 11.

^{XXIII} SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.p. 192.

^{XXIV} LEVILLAIN, Philippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René. (ORG.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996.p. 141.

^{XXV} GONÇALVES, Márcia de Almeida, 2009, Apud, SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.p. 201

^{XXVI} Cf. SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.p. 201.

**TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS EM PAUTA:
UM OLHAR TEÓRICO SOBRE A BIOGRAFIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES**

KARLA KARINE DE JESUS SILVA

-
- ^{XXVII} Cf. BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 209, 210.
- ^{XXVIII} LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jaques (ORG.) **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: UFRJ / FGV, 1998. p. 225.
- ^{XXIX} GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. 3ª Edição. Tradução Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ^{XXX} Cf. SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011, p. 202.
- ^{XXXI} Ibidem, p. 203.
- ^{XXXII} LUSTOSA, Isabel. **D. Pedro I – Um herói sem caráter**. Col. Perfis Brasileiros. Companhia das Letras: São Paulo, 2006.
- ^{XXXIII} CARVALHO, José Murilo de. **D. Pedro II – Ser ou não ser**. Col. Perfis Brasileiros. Companhia das Letras: São Paulo, 2007.
- ^{XXXIV} Ibidem, p. 201.
- ^{XXXV} Ibidem, p.195.
- ^{XXXVI} RICCI, Magda Maria de Oliveira. **Assombrações de um padre regente – Diogo Antônio Feijó (1784-1843)**. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 2005. 1ª reimpressão.
- ^{XXXVII} Cf. LEVILLAIN, Philippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René. (ORG.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996.p. 166.
- ^{XXXVIII} Ibidem, p. 168, 169.

Referências Bibliográficas

- AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro:Gryphus, 2004.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dicionário Didático de Português**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998.
- BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.
- CARVALHO, José Murilo de. **D. Pedro II – Ser ou não ser**. Col. Perfis Brasileiros. Companhia das Letras: São Paulo, 2007.
- DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo**. Tradução Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2ª Ed. 1988.
- GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. 3ª Edição. Tradução Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GONÇALVES, Márcia de Almeida, 2009, Apud, SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

**TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS EM PAUTA:
UM OLHAR TEÓRICO SOBRE A BIOGRAFIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES**

KARLA KARINE DE JESUS SILVA

Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

LEVILLIAN, Phillippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René (ORG.). **Por Uma História Política.** Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996.

LORIGA, Sabina. O historiador entre a história e a memória. A tarefa do historiador. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (ORGS.). **Memórias e Narrativas Autobiográficas.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jaques (ORG.). **Jogos de escalas.** A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: UFRJ / FGV, 1998.

LUSTOSA, Isabel. **D. Pedro I – Um herói sem caráter.** Col. Perfis Brasileiros. Companhia das Letras: São Paulo, 2006.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas: Alexandre e César.** Tradução de Júlia Rosa Simões. Porto Alegre, RS: L&PM. 2005.

RICCI, Magda Maria de Oliveira. **Assombrações de um padre regente – Diogo Antônio Feijó (1784-1843).** Campinas SP: Editora da UNICAMP, 2005. 1ª reimpressão.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes;

LORIGA, Sabina. O historiador entre a história e a memória. A tarefa do historiador. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (ORGS.). **Memórias e Narrativas Autobiográficas.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

SUETÔNIO. **A Vida dos Doze Césares.** Coleção a Obra Prima de Cada Autor – Série Ouro. 1ª Edição. São Paulo: Martin Claret, 2004.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.